



Flagrante tirado ao encerrar-se a sessão, na noite de 22/5/1935, vendo-se entre os presentes, além do enviado do *Globo*, várias pessoas procedentes do Rio de Janeiro. No primeiro plano, o médium Chico Xavier, de costas, permanece assentado, tendo, à sua direita, o seu irmão José Cândido.

QUATRO PERGUNTAS DE DIREITO PENAL E QUATRO RESPOSTAS AVANÇADAS

Como a sociedade deve punir os delinqüentes

PEDRO LEOPOLDO, 20 (Especial para *O GLOBO*, por Clementino de Alencar) — Entre as pessoas que vieram de Sete Lagoas para assistir à última sessão espírita na casa de José Cândido, estava, conforme dissemos em correspondência anterior, o senhor Geraldo Bhering, que advoga naquela cidade.

Após a reunião, cujos resultados já divulgamos, o jovem causídico, em palestra, no bar do Ponto, não escondeu sua impressão sobre a maneira pronta, precisa, mesmo feliz, como Chico Xavier respondera às nossas perguntas, no decorrer da sessão.

E não tardou que o Sr. Bhering demonstrasse o desejo de fazer também uma consulta ao "médium", sobre questões enquadradas na esfera do Direito.

Formulam-se e discutem-se, então, várias perguntas que poderiam ser feitas, todas apanhadas do conjunto de problemas, leis e regras relativas às relações sociais.

A escolha

Afinal, a escolha recai sobre esta série de perguntas, grafadas ali mesmo pelo advogado:

- A sociedade tem o direito de punir aqueles que delinqüem?
- A sociedade tem o direito de punir ou apenas o de se defender?
- A sociedade deve castigar o delinqüente?

- O homem que delinqüe age livremente ou é determinado?

Como de costume

Cuida-se, então, de procurar o médium, embora já sejam cerca de 23 horas.

Chico Xavier é pouco depois encontrado, quando regressava da casa de José Cândido.

Como de hábito, acolhe, sem uma restrição, a consulta do advogado.

E, ainda como de hábito, promete encaminhá-la ao Além, num dos seus transes solitários, provavelmente naquela mesma noite, visto como, sessão, só a teríamos na próxima quarta-feira.

Um detalhe interessante: quando solicitado por um consultante, Chico Xavier não procura saber do gênero e número das perguntas. Acolhe-as, a todas, com a mesma singeleza e solicitude, e sem jamais manifestar qualquer interesse pecuniário.

Pelo contrário, através de declarações suas colhidas em ocasiões diversas, comprehende-se que ele consideraria ofensiva qualquer oferta daquele gênero, apesar de sua pobreza.

A sociedade nunca deve punir com a morte

Conforme a sua promessa fizera esperar, Chico Xavier psicografou, na mesma noite, as respostas à consulta do advogado. Deu-as o próprio "guia" Emmanuel, conforme passamos a expor.

– A sociedade tem o direito de punir aqueles que delinqüem? – era a primeira pergunta.

Eis a resposta de Emmanuel:

– "Na primeira proposição, a sociedade é representada pelo Estado ou pelo conjunto das leis jurídicas personalizado na sua autoridade e, assim como o Estado provê a necessidade de quantos requerem a sua assistência prestada sem exigências de remuneração, tem o direito de punir o delinquente que lesou, com o seu crime, a segurança social, importando a pena no valor do prejuízo causado. Nunca deve punir com a morte, mas examinando atenciosamente as condições fisiológicas e psicológicas do criminoso, e considerando, ao exarar a sua sentença condenatória, que as aplicações do castigo constituem o problema relevante, por excelência, da criminologia."

Castigar regenerando

A segunda e a terceira pergunta foram respondidas em conjunto.

- A sociedade tem o direito de punir ou apenas o de se defender?
- A sociedade deve castigar o delinquente?

"Considerando o direito dentro de todas as suas características e precisando conciliá-lo com o Evangelho, somos de opinião que o Estado ou a sociedade deve defender-se mais e punir menos. A educação deve ser difundida em todas as suas modalidades, e as prisões, as penitenciárias, devem representar escolas, hospitais e oficinas, onde o delinquente, apesar de se conhecer coagido em sua liberdade, reconheça o seu direito de cidadão, digno da educação que ainda não tem e do trabalho, segundo as suas possibilidades individuais. A escola, a instrução e a assistência significam um fator preponderante na intangibilidade do Estado.

A sociedade pode, pois, castigar o delinquente, regenerando-o, beneficiando-o, buscando reintegrá-lo no respeito e na consideração de si mesmo."

"Não aceitamos a existência do criminoso nato"

- O homem que delinqüe age livremente ou é determinado?

A essa última pergunta, o "guia" Emmanuel assim responde:

"A última proposição é de todas a mais transcendente e encerra um problema que tem ensandecido muitos cérebros. É que ela se enquadra na questão das provas e das expiações de cada indivíduo, a qual, por enquanto, é desconhecida pelas ciências jurídicas e está afeta ao plano espiritual.

Admitindo algo da nova escola penal inaugurada por Lombroso, não aceitamos a existência do criminoso nato. Atendendo-se a circunstâncias oriundas da educação e do meio ambiente, o criminoso age com pleno uso do seu livre-arbítrio. Sobre todos os atos da sua vida deve o homem observar o império da sua vontade e é pela educação desta que chegamos ao equilíbrio das coletividades. Indubitavelmente, devemos considerar as exceções nos casos de loucura "sine materia", ou obsessões, segundo a verdade espírita, acima de qualquer juízo da justiça humana; mas as exceções não inutilizam as regras e insistimos na educação da vontade de cada um e na responsabilidade dela decorrente, única maneira de se conceber a Justiça Suma, que é a Justiça de Deus."

Cigarra morta

A seguir, cumprindo o que prometemos aos que se mostraram interessados em conhecer novas páginas colhidas no “arquivo” do “médium”, transcrevemos aqui alguns versos psicografados por Chico Xavier em 1934:

Cigarra morta

*Chamam-me agora aí
Cigarra morta,
E não podia haver melhor definição,
Porque caí estonteada à porta
Do castelo em ruínas,
Do desencanto e da desilusão!...*

*Minhas futilidades pequeninas...
Meus grandes desenganos...
Eu mesma inda não sei
Se é ventura morrer na flor dos anos...
Sei apenas que choro
O tempo que perdi,
Cantando em demasia a carne inutilmente;
E vivo aqui, somente,
De quanto idealizei
De belo, de perfeito, grande e santo,
Que inda hei de realizar
Com a rima do meu verso e a gota do meu pranto.*

*Dá-me força, Senhor,
Para concretizar meu anseio de amor:
Evita-me a saudade
Da minha improdutiva mocidade!*

*Eu não quero sentir,
Como cigarra que era,
A falta das canículas doiradas
Sob a luz de ridente primavera.
Já que tombei cansada de cantar,
Calando amargamente,
Perdoa, Deus do Amor, o meu pecado:
Que eu olvide a cigarra do passado,
Para ser uma abelha previdente.*

Cármén Cinira.

Uma opinião do Dr. Carlos Imbassahy*

A respeito dos versos de Cármén Cinira psicografados por Chico Xavier, o Dr. Carlos Imbassahy escreveu ao “médium”, em dezembro de 1934, uma carta da qual, data vênia, transcrevemos estes trechos:

“Quem conheceu Cinira vê que o seu estilo é este, que as suas idéias são estas. Ela sempre falou assim.”

“... seu espírito, cheio de bondade e de amor pelo próximo, conservou-se puro em meio das impurezas e da corrupção do mundo.”

E “Tais sentimentos, tais versos são precisamente de Cinira. Belos no fundo e na forma, eles glorificariam o autor que os assinasse.

Não se comprehende que o nosso irmão de Minas apresentasse como estranha tão admirável poesia.”

(*O Globo*, 27/5/1935.)

(*). Dr. Carlos Imbassahy, (Salvador, BA, 1883-Niterói, RJ, 1969), advogado, orador, destacou-se como valoroso escritor e tradutor espírita. (Nota do Org.)